

Evento promovido pelo Núcleo Territorial do Eixo Fundão–Covilhã:

II Seminário “Dependências: Saber Mais para Arriscar Menos”

O Núcleo Territorial do Eixo Fundão–Covilhã, no âmbito do Plano Operacional de Respostas Integradas (PORI), promoveu o II Seminário subordinado ao tema “Dependências: Saber mais para Arriscar menos”, realizado no dia 23 de novembro, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade da Beira Interior, na cidade da Covilhã.

O Núcleo Territorial do Eixo Fundão-Covilhã, criado em 2008, no âmbito do PORI - medida estruturante ao nível da intervenção integrada que procura potenciar as sinergias e os recursos disponíveis num dado território, com o objetivo de reduzir a procura de substâncias psicoativas e congregar esforços com um fim comum que visem implementar e desenvolver respostas que colmatem as necessidades identificadas em diagnóstico - tem vindo a desenvolver um trabalho meritório e relevante no contexto da problemática. Este núcleo funciona com uma composição representativa da comunidade pública e/ou privada contando com um conjunto de parceiros dos concelhos do Fundão e da Covilhã, nomeadamente as Câmaras Municipais, a Associação Beira Serra, a Associação Terras da Gardunha, as Escolas e Agrupamentos de Escolas, a UBI, o CHCB, o ACES da Cova da Beira, o Centro de Formação da Associação de Escolas da Beira Interior, a Associação de Estudantes da UBI, entre outros.

Pretendeu-se com este seminário enquadrar localmente o Plano Nacional para a Redução dos Comportamentos Aditivos e Dependências, divulgar boas práticas e resulta-

dos dos projetos em execução a nível local, refletir acerca dos riscos associados às dependências com e sem substância e, finalmente, permitir a articulação integrada e complementar das intervenções existentes no território de forma a Saber Mais para Arriscar Menos.

O Seminário foi organizado em quatro mesas dinamizadas por personalidades de reconhecido mérito nestas áreas e estrutura-se numa sequência de exposição seguida de debate introduzido pelo respetivo moderador.

Este seminário teve como público alvo as entidades locais públicas e privadas, os destinatários e parceiros dos projetos, os técnicos que trabalham na área das dependências e/ou saúde, os professores, os estudantes de sociologia, psicologia e medicina ou ainda a comunidade e pessoas interessadas nesta temática.

Dependências acompanhou o evento e entrevistou o coordenador da equipa local, João Fatela.





JOÃO FATELA DAVIDE

“Apesar de tudo conseguimos manter as respostas”

Porquê a adoção do tema “Saber mais para arriscar menos” para este seminário?

João Fatela (JF) – Esta é a segunda edição deste seminário, que teve uma primeira edição há quatro anos atrás como um modo de divulgarmos o serviço e os projetos implementados no terreno, dando-os a conhecer à comunidade. E é nessa sequência que surge este tema: oferecer mais conhecimento para que o público-alvo, normalmente mais preenchido por jovens, possa realmente arriscar menos.

Entretanto, há seis anos, aquando dessa primeira edição, as próprias respostas eram diferentes, integradas, ao contrário do que hoje sucede... O que se passou, afinal?

JF – Na realidade, houve uma mudança de origem política que levou a que os serviços ficassem divididos. E essa divisão levou a que o tratamento viesse para as ARS e, o nível da concepção teórica sobre os planos de ação e como atuar, ficou no SICAD. A verdade é que as ARS e o SICAD nunca conseguiram, até ao momento, entender-se e, como tal, no terreno, verifica-se em muitos casos essa desarmonia. Mas diria que, de um modo geral, havendo também a cultura instituída proveniente do antigo IDT, pelo menos nos territórios em que já atuávamos, fomos mantendo o mesmo tipo de intervenção. Foram surgindo novos projetos e minimizando eventuais perturbações.

Quer dizer que, apesar de a decisão política ter resultado na extinção do IDT, vocês, profissionais, continuaram a trabalhar com se este organismo ainda existisse?

JF – Sim, é um bocado isso também... Se é verdade que, ao nível da expansão de novos projetos e intervenções, a dinâmica anteriormente existente foi quebrada, pelo menos o que estava no terreno foi mantido.

Neste seminário, fala-se também dos jovens de hoje... Jovens esses que parecem não ter grande percepção do risco relacionado com o consumo nocivo... O que se passa a este nível neste território em particular?

JF – Creio que esta zona será um reflexo do que se passa a nível nacional. Hoje, os jovens não estão a enveredar pelos consumos clássicos, pelo que não nos surgem muitos casos de pedidos de primeiras consultas relacionados com dependências de heroína ou cocaína e, por outro lado, constatamos que os consumos de álcool e de canábis são desvalorizados. Neste momento, os jovens consideram-nas drogas de recreio perfeitamente inócuas e tem-se verificado uma exagerada subida até nos pedidos de consulta porque, na verdade, essa percepção que manifestam não corresponde minimamente à realidade. Por um lado, os consumos exagerados de álcool acarretam consequências de degradação dos próprios jovens e, por outro lado, também sabemos que a própria canábis foi adaptada aos consumos, com uma concentração muito elevada de THC que tem gerado dependência.

Que balanço faz deste seminário?

JF – Este seminário está a decorrer bastante bem. Houve uma grande adesão, na ordem das 170 inscrições, o que até superou as nossas expectativas, com uma presença muito significativa de jovens em idade escolar e creio que esta experiência se revelará útil para todos.

